



360 GRAUS

Jane Godoy • janegodoy.df@dabr.com.br

Amor infinito

BUÍQUE, Pernambuco. Foi dessa longínqua cidade pernambucana que uma menina recebeu, na pia batismal, o nome de Maria da Glória Nascimento de Lima. Depois, a vida a batizou de Glorinha. Deixada pelo pai na porta da Igreja do Padre Cícero, no Ceará, quando tinha apenas 3 anos e 7 meses, Glorinha ficou em terras cearenses até se mudar para Taguatinga em 1970, com o saudoso companheiro, Israel, “o primeiro e único amor da minha vida!”. “Era aniversário da cidade, 5 de junho. Mal sabia que eu iria mudar a vida de muita gente. Eu levava para um barraco pequeno as pessoas necessitadas, que eu via pelas ruas” conta.

Para ela, isso não era novidade pois, aos 9 anos, virou um bebê embaixo de um pequizeiro e o levou para casa. “Não houve viva alma que tirasse minha primeira filha de mim. Criei o pequeno ser por anos a fio. A cada adversidade, eu respondia: vai dar certo, pois tudo o que preciso é amar a quem tanto necessita”. Quando perguntam a Glorinha se precisava de dinheiro, ela sempre afirma, com um brilho radiante: “Deus proverá!” E, realmente, ela garante que isso sempre aconteceu.

Padre Cícero

Em 1984, Glorinha fundou o Lar da Criança Padre Cícero, em Taguatinga. Além do abrigo, ela mantém as creches Sonho de Criança, que atendem meninos e meninas de 6 meses a 6 anos. São três creches, que atendem cerca de 600 crianças, diariamente, além do abrigo, que tem capacidade para acolher até 20 bebês de até 2 anos.

RODRIGO JORGE LOPES E LOPES/DIVULGAÇÃO



“Quem sofre a dor do abandono, do desespero, não pode esperar. Quem tem fome de tudo precisa de mim”

1970

Ano em que chegou a Taguatinga

A instituição homenageia o famoso padre que criou o pai adotivo dela, pois, assim como a maioria das crianças que acolhe, a experiência de ter sido abandonada nunca a deixou. “Sei o que é ser descartada pelos mais diversos motivos. Não importam quais. Anjos me acolheram e me permitiram ser o que eu sou. Não me dei tempo para a revolta, ou para questionamentos. Quem sofre a dor do abandono, do desespero, não pode esperar. Quem tem fome de tudo precisa de mim. Então, coloquei-me à disposição. Tenho tanta sorte que nada mais é normal do que devolver o que recebi. Temos que ser luz em meio a tanta escuridão”, declara Maria da Glória, do alto dos seus 73 anos.

A família

“Fiz até a quarta série, depois que cheguei a Brasília. Mas, se for preciso, e sempre é, luto contra qualquer doutor para defender uma criança, um velho ou qualquer um que precise”, revela. Filhos biológicos, ela teve três. Adotou dezenas. Criou milhares. Semeia o bem, com senso de compromisso e urgência. “Quando vejo uma pessoa na rua, vejo que diz respeito a

mim. Tento encontrar a família. Enquanto isso não acontece, levo para minha casa. Afinal, o problema não é do governo. É meu! E os meus problemas eu levo para casa!” diz decidida e consciente da missão que tem.

Sensibilizada com tantas histórias de superação, a psicóloga e escritora Adriana Kortlandt levou 20 anos para escrever o livro *A casa da vida*, que contém as histórias de Glorinha. “Ela levou 17 anos para me convencer e três para escrever, imagina! Com tanta gente importante no mundo”, assegura Glorinha com modéstia.

“Escrever um livro sobre mim, que nada tenho de importante. Faço apenas o que acho que devo e isso, para mim, não é nada demais”, salienta a mãe de tantas crianças acolhidas. Convidada pelo governador de Pernambuco, Paulo Câmara, Glorinha foi lançar o livro no Museu do Homem do Nordeste, em Recife, no final do ano passado. Há dois meses, em Los Angeles, o *International Latino Book Awards 2018* escolheu a obra como melhor livro de ficção em língua portuguesa.

Um prêmio à vista

Glorinha receberá o prêmio Paul Donovan Kigar de honra ao mérito por realizações de vida, em 4 de dezembro, em sessão solene no Salão Nobre da Câmara Municipal de São Paulo. Perguntada sobre qual a receita para tanto reconhecimento, ela responde, sem pestanejar: “É justamente uma escolha, não é caridade, é uma escolha, um objetivo de vida. A busca da minha felicidade foi sempre com base nisso: pessoas que precisam de mim e eu me sentir útil”. E o amor? “O amor é incandescente, não tem tamanho. Se eu pudesse colocar um pedacinho para cada um numa caixinha de sapato, eu colocaria para o mundo inteiro. Não tem fim. O amor é como Deus: é infinito, não acaba nunca”, finalizou.